



## O SILÊNCIO DO QUARTO 37

A sala estava mergulhada em sombras. A luz fraca de um único candeeiro de teto oscilava, criando contornos que pareciam vibrar nas paredes de pedra fria. No centro, em pé, estava ela: a enfermeira. As rugas discretas em seu rosto duro falavam de anos de serviço silencioso, talvez em algum lugar esquecido pelo tempo. Seu uniforme era impecavelmente branco e incrivelmente aterrorizante, divergindo do ambiente sombrio, mas os olhos... aqueles olhos estavam vazios.

A enfermeira trabalhava ali havia décadas. Pouco se lembrava de como era o mundo lá fora, fora dos portões do hospício. O tempo parecia ter congelado naquele prédio antigo, de corredores intermináveis e portas pesadas. Seu andar era sempre o mesmo, ritmado e calmo, percorrendo os quartos onde pacientes esquecidos pela sociedade se perdiam em suas próprias mentes. Muitos a conheciam apenas pelo som dos seus sapatos ressoando no chão de mármore, um som que, para alguns, trazia um alívio estranho, e para outros, um medo inexplicável.

Naquela noite, porém, algo estava diferente. Enquanto caminhava pelo corredor principal, Clara sentiu uma presença. Não era incomum que as sombras daquele lugar dançassem de maneira estranha, mas desta vez parecia diferente. Parou em frente à porta do quarto 37, o último quarto no final do corredor. Um frio percorreu-lhe a espinha. Aquele quarto... ninguém entrava ali há anos. O paciente que o ocupava, se é que ainda estava lá dentro, não falava com ninguém, apenas murmurava coisas inaudíveis nas poucas visitas que recebia.

A enfermeira hesitou. Lembrou-se do tempo em que começara ali, uma jovem enfermeira cheia de vida e ambições. Agora, sentia-se como parte do edifício, imóvel, envelhecida antes do tempo. Com um suspiro, levou a mão à maçaneta fria da porta. O som do metal antigo rangendo ecoou pelo corredor. Quando a porta se abriu lentamente, o ar parecia mais pesado. Dentro do quarto, o silêncio era esmagador, exceto pelo leve murmúrio que ela já esperava.

“Enfermeira...,” uma voz rouca saiu das sombras, “veio buscar-me?”

A enfermeira ficou imóvel. Aquela voz... ela não a ouvia há anos. As memórias vieram a ela como um flash. O homem naquele quarto... ele sabia de algo. Sabia demais. Ela recuou um passo, mas não conseguia afastar o olhar da figura na cama, agora meio visível pela luz fraca que entrava pela janela empoeirada.

“Os outros foram, não foram?” A voz dele era quase um sussurro, carregada de algo que Clara não queria entender. “Eles nunca saem... e você também não sairá.”

Um arrepio percorreu-lhe o corpo. A enfermeira sentiu a pressão do tempo sobre si, como se o passado e o presente estivessem desmoronando à sua volta. Fechou a porta lentamente, sem responder, e continuou seu percurso pelos corredores do hospício. O som

dos seus passos ecoava como sempre, mas algo dentro dela sabia que nada ali era como antes.

Ela nunca mais voltou ao quarto 37.

Beatriz Venturella Oliveira

3º ano / CLEU/ Itajaí

2024